

DOCUMENTA

**A Festa da Jaguaratirica: primeiro e sétimo cânticos.
Introdução, transcrição e comentários**

Rafael José de Menezes Bastos
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal de Santa Catarina

Hermenegildo José de Menezes Bastos
Departamento de Teoria Literária
Universidade de Brasília

e-mail: rafael@cfh.ufsc.br
hjbastos@unb.br

Recebido em outubro 2002

Aprovado em novembro de 2002

Resumo

Estudo exegético da letra de dois cantos do sistema cancional do ritual xinguanos do "Yawari" em sua versão kamayurá. O primeiro canto inclui dez canções e vinhetas. O segundo, trinta. O estudo é introduzido por uma breve análise do ritual e de suas conexões com a política, cosmologia e filosofia nativas. Ele está baseado em transcrições fonéticas das letras envolvidas e em sua tradução instrumental, a partir da qual é feita uma tradução-interpretação. Com base nas traduções e em cuidadosas exegeses nativas, cada canção é comentada.

Palavras-chaves

Índios xinguanos, Índios kamayurá, Ritual "Yawari", Canções, Letras.

Abstract

This essay is an exegetic study of two cantos of the song system of the Xingu ritual "Yawari" in its Kamayurá version. The first canto includes ten songs and vignettes, and the second has thirty. The study is introduced by a brief analysis of the ritual and its connections to native politics, cosmology and philosophy. It is based on phonetic transcriptions of the lyrics involved and their instrumental translation, from which a translation-interpretation is made. Based on the translations and on meticulous native exegeses, each song is discussed.

Keywords

Xingu Indians, Kamayurá Indians, "Yawari" ritual, songs, lyrics.

A Festa da Jaguaratirica: primeiro e sétimo cânticos:
Introdução, transcrição e comentários

Rafael José e Hermenegildo José de Menezes Bastos¹

A Fernando, sênior.

"Je est un autre"
Rimbaud

Introdução

As canções ora apresentadas fazem parte do rito xinguanos do "Yawari", tendo sido recolhidas no ano de 1981 entre os índios Kamayurá. A partir da sua coleta – feita no contexto de um trabalho de campo prolongado entre esses índios (Menezes Bastos 1978, 1990) –, elas foram objeto de circunstanciadas exegeses por informantes nativos. Estas exegeses estão na base das traduções e comentários aqui publicados.

Os índios Kamayurá (auto-denominados Apùap), falantes de uma língua Tupi-Guarani, habitam a região do Alto-Xingu (Parque Indígena do Xingu), sendo membros da sociedade xinguanos. Esta sociedade – um sistema de fronteiras abertas e moventes (Menget 1977) – é composta por tribos de várias filiações lingüísticas, a começar por aquelas de fala Karib (Kuikúro, Kalapálo e Nahukwá-Matipúhy) e Aruak (Waurá, Mehináku e Yawalapití), que são as mais antigas na área. O quadro completa-se pela inclusão mais recente – estimativamente a partir do século XVIII – dos Tupi (Awetí, e os próprios Kamayurá) e Trumái (falantes de uma língua isolada). O Parque é também habitado, ao norte, por outros grupos indígenas, a saber: Tupi (Kayabí, Yuruná), Jê (Suyá, Txukahamãe, Krenakarore) e Karib (Txikão). Estes últimos grupos têm entrada ainda mais recente ali.

O ritual intertribal xinguanos – passe indispensável para ingresso de tribo na sociedade respectiva – consiste num variado conjunto de festivais, explanados pelos nativos através de uma estrutura de três partes. Nesta, a mito-cosmologia ocupa a posição de "in"; a pintura corporal, a dança e a plumária, de "out"; e final-

mente, a música é entendida como *pivot* entre os dois pontos. De acordo com este modelo, a mito-cosmologia constitui as personagens arquetípicas do tempo mítico, enquanto que as artes corporais os atualizam no tempo histórico. A música cria as ambiências eco-axiológicas, responsáveis pela tradução do “in” no “out”.

A organização do ritual intertribal xinguanos subentende uma relação entre anfitriões e convidados. No caso do “Kwarùp” (veja Agostinho 1974a), por exemplo, uma tribo recebe todas as outras na sua aldeia. O “Yawari”, porém – como o “Kwarùp”, um rito funerário –, envolve apenas duas tribos, no presente caso os Kamayurá (anfitriões) e os Matipúhy (convidados).

Da parte dos anfitriões, o ritual intertribal centraliza-se no patrocinador ou dono do morto comemorado. Ele será o hospedeiro dos visitantes. Os pedidores – seus enterradores –, por outro lado, encarregam-se de arremeter os participantes anfitriões, exortando-os ao desempenho modelar. Eles também, transformados em convidadores, farão as honras da casa aos convidados.

Os mestres de música realizam a liturgia da festa, em termos vocais, instrumentais ou mistos, no sentido do que contam com o auxílio de seus aprendizes e ajudantes. Quanto à organização do rito entre os convidados, ela é *ad hoc*, subentendendo dois papéis: o de encarregado, espécie de chefe da embaixada, e o de mestre de música, também com seus ajudantes e aprendizes.

O ritual do “Yawari” possivelmente tem origem num vetor que une os Trumai aos Tupi Awetí e Kamayurá. O seu cenário geográfico imediatamente passado parece ser os interflúvios Tapajós-Xingu e Xingu-Araguaia, numa cronologia que tem o século XVIII como limite inferior na direção de seu processo de xinguanização. Em Kamayurá, a palavra “yawari” aponta o felino jaguatirica (*Pantera Pardalis*), simultaneamente indicando o espinho da palmeira tucum.

O sistema de parentesco Kamayurá constitui três universos de pessoas: consangüíneos, afins e cruzados. No primeiro caso, as relações entre os parentes são marcadas pela solidariedade e partilha de bens. No segundo, pela evitação e respeito. Quanto ao terceiro, pela irreciprocidade. O casamento preferencialmente se dá com a prima cruzada materna. O namoro, com a paterna. O “Yawari” é um encontro sobre o parentesco, o casamento e o namoro, em termos dos contratos social e cósmico. Note-se que os Kamayurá, como outros povos Tupi (Viveiros de Castro 1986), acreditam que

os céus são sustentados por urubus divinos. Estes se alimentam de almas humanas, a perspectiva de sua inanição constituindo a ameaça apocalíptica de caída dos céus sobre a terra. Neste sistema de crenças e suspeitas, o terror Kamayurá da morte não diz respeito ao nulifício mas à transformação final da alma em fezes dos deuses.

Dada a morte de um guerreiro ilustre, três de seus parentes cruzados exortam o seu consangüíneo mais próximo na direção do enterramento do defunto. Isto é um verdadeiro transe entre os Kamayurá, consangüíneo algum aceitando de imediato a morte de seu filho, pai ou irmão, que enquanto morto, porém, será o noivo dos deuses e, assim, a moeda excelente do contrato cósmico, nota promissória da possibilidade de existência do contrato social. Aceito o passamento do morto, no entanto, e enterrado ele, os papéis para seu futuro "Yawari" ficam programados, os enterradores vindo a se revestir da identidade de pedidos e, depois, de convidados da tribo invitada e o dono do morto – seu consangüíneo mais próximo – se transformando em patrocinador ou dono da festa. O morto terá o seu arco e a sua efígie de madeira queimados durante o ritual. 'Queimar' em Kamayurá ("kay"), ao tempo em que metaforiza o "pathos" ciumento – equação do medo/desejo da perda, oposta à inveja, desejo/medo do ganho –, aponta a ação culinária por excelência.

O "Yawari", como os demais rituais intertribais xinguanos, realiza-se na estação seca (abril-outubro), desenvolvendo-se em três fases: na primeira (antecedentes), os chefes político-diplomático e ritual da aldeia realizam consultas mútuas, que incluem os demais homens e mulheres de prestígio do grupo, na direção da escolha do defunto a ser "queimado". Isto feito, e tipicamente em junho, ocorre a segunda fase (intratribal), quando a festa se vai instalando na aldeia através da arregimentação paulatina de participantes. Este é o período de preparação interna do rito, dançando-se e cantando-se dia e noite (no presente caso, durante dez dias) e treinando-se o jogo do "Yawari". Trata-se, este jogo (Galvão 1979a), de um conjunto de duelos, envolvendo pares de pessoas cruzadas entre si, nos quais cada oponente procura atingir com um dardo o adversário, idealmente o seu tornozelo, parte do corpo em que os Kamayurá vêm concentrar-se o poder masculino. A terceira e última fase do rito (intertribal) começa com a chegada, num crepúsculo, da equipe visitante, o que é seguido pela vigília noturna dos dois grupos,

que cantarão durante toda a noite. Na manhã seguinte, as tribos se encontrarão para dançar e cantar e para disputar o jogo de dardos, tudo se fechando com a queima, pelos convidados, das madeiras do defunto comemorado.

Durante a fase intertribal, os guerreiros que participarão dos duelos observam uma série de interditos: não devem comer peixe, manter relações sexuais ou dormir. Comer peixe aqui metaforiza as relações sexuais, entendidas pelos Kamayurá como uma perigosa alienação, tanto quanto o ato de dormir e aí sonhar, risco ainda mais radical pois relativo à perda da alma.

A efígie do morto, durante as duas últimas fases do rito, será o alvo dos xingamentos e dos ataques com dardos e bordunas por parte dos participantes da festa. Isto aponta um dos cernes do "Yawari" e do pensamento Kamayurá: a visão da morte como preço a pagar na direção da continuidade do contrato cósmico, única garantia da existência do contrato social, isto num povo que absorve a humana vida – e a sua contrapartida divina – como uma queda de um estado primordial de invulnerabilidade e beleza. O "Yawari" é um rito adâmico.

A música e a dança Kamayurá estão ancoradas na estrutura núcleo-periferia. No núcleo, fica o mestre de música, com os seus ajudantes e aprendizes e os demais adultos maduros. Na periferia, as crianças, adolescentes e adultos jovens. O núcleo é responsável pela realização daquilo a que os Kamayurá chamam de música propriamente dita, tipicamente canções. Estas canções se relacionam em seqüência, configurando blocos de canções. O papel do mestre de música é "puxar" o núcleo, oferecendo aos demais o modelo para a imitação sincrônica, via de regra heterofônica. As letras das canções reportam acontecimentos do tempo mítico.

A periferia, por outro lado, emite onomatopéias músico-lingüísticas, imitativas das vozes de animais. No "Yawari", as vozes dos animais imitados são caracteristicamente as dos felinos e gaviões. Na mitologia Kamayurá (Agostinho 1970, 1974a, 1974b; Villas-Bôas 1970), os felinos apontam a transformação do cruzado em afim: da irreciprocidade à aliança, através do casamento, signo do contrato social. Já os gaviões, nesta mitologia, indicam o universo divino, "empregados" que eles são dos urubus psiquépagos. Os rapazes são cruzados que se transformam em afins através da constituição do morto em nubente dos deuses (Menezes Bastos 1990).

A música do "Yawari" pode ser dançada ou não, a do primeiro tipo sendo diurna, a segunda, noturna. As formações músico-coreográficas do primeiro repertório são: procissão, bloco, linha e cunha. O repertório do "Yawari" é também classificado através de animais emblemáticos: gato do mato (caso das canções aqui apresentadas), jaguaratirica alongada, mutum, etc. Estes animais apontam para partes do dia Kamayurá, pensado como tendo início ao crepúsculo e fim à tarde (para "nós", do dia seguinte). No planeta Kamayurá, o dia é "adiantado" cerca de 6 horas com relação ao "nosso" (ou "atrasado" cerca de 18). Os Kamayurá entendem o crepúsculo como um tempo sem tempo, memória do mundo original, dominado pela alucinação dos vaga-lumes e cupins.

O "Yawari" compõe-se de sete cantos, constituídos de canções e vinhetas. Chamo de vinheta às onomatopéias músico-lingüísticas, emitidas pela periferia da formação músico-coreográfica. Os cantos são os seguintes: noitinha (ou abertura), noite, noite funda, madrugada, mutum, clausura da madrugada e tarde. As canções ora apresentadas são aquelas de uma das execuções possíveis ("instâncias") do primeiro (noitinha, abertura) e sétimo (tarde) cantos.

De acordo com o modelo Kamayurá, as relações entre a música e a letra de uma canção se estabelecem nos termos de que a última "vai dentro" da primeira, formulação que indica uma relação de redutibilidade da letra à música, que se instala no plano eco-axiológico. Isto permite divisar a música Kamayurá como um discurso "pato-lógico", ciência ambiental dos sentimentos enquanto valores do Bem e do Mal.

Neste quadro de relações, verifica-se, por outro lado, um impacto de grande magnitude da fonologia e da sintaxe musicais na língua, discursos tidos pelos Kamayurá como respectivamente "do escuro" e "do claro". Na canção, a planura verbal-lingüística cede lugar a uma língua musicalizada – em que a fonética como que se torna meta-fonêmica –, o que vem a tornar o exercício da tradução nalgo extremamente problemático. Processos como os de vocalização – em que as vogais são aspiradas (h-), palatalizadas (y-), bilabializadas (w-), glotalizadas ('-) etc. –, ressilabação – quando as sílabas são repetidas, comprimidas ou estendidas, respeitadas ou não os limites das palavras –, transvocalização – quando as vogais são intercambiadas –, transconsonantização – idem no que respeita às consoantes – e muitos outros estão na base desta

musicalização da fala. Isto gera a possibilidade contínua de uma multifonia lexical, o mecanismo do trocadilho sendo aqui onipresente.

A versão do “Yawari” aqui apresentada é da sub-tradição Kamayurá (Apùap), estando quase que completamente nesta língua, com algumas incursões na língua Trumaí e, ao que tudo indica, noutras línguas (ou dialetos) predominantemente mas – sugiro – não exclusivamente Tupi. Esta diversidade lingüística das letras das canções em referência aponta para a problemática histórica no Alto-Xingu e, aí, para a questão da etnicidade. Note-se que “Kamayurá” não é termo da língua Kamayurá (Apùap), mas de formação Aruak. Originalmente, este termo parece indicar uma alter-atribuída identidade genérica Tupi prospectivamente xinguana, isto num momento histórico (em torno do século XVIII) em que tais grupos invadem a região dos formadores do Rio Xingu. Os atuais Kamayurá vêm-se como um grupo local pluri-étnico-cultural, os Apùap aí detendo posição hegemônica.

Em versão extremamente compactada e esquemática – longe da magistralidade da sua execução artística –, esta é a narrativa mítica que está na base do “Yawari”:

“Numa aldeia ancestral da tribo Payeté, o chefe surpreende (ao tempo em que propicia) suas duas esposas namorando com Cabeça de Mutum, seu primo cruzado. Enciumado, o chefe flecha o pescoço do invejoso primo, que se refugia num matagal. O chefe, então, lança fogo ao matagal, o que vem a chamuscar os cabelos do enciumador, sob testemunhaçã de toda a tribo. Isto provoca vergonha em Cabeça de Mutum, que resolve viajar para o norte, terra de tribos selvagens. Ele viaja com os seus irmãos, enfrentando grandes perigos. Depois de muito caminhar, os irmãos alcançam uma aldeia de índios selvagens. Aí se desenrola a festa do ‘Yawari’. Os estrangeiros são muito bem recebidos pelos selvagens, sendo, ao final do rito, convidados para aí residirem até que a vergonha e a raiva se esgotem, restabelecendo-se o respeito. Ao cabo de alguns anos, os irmãos retornam à sua aldeia, refazendo o percurso de grandes perigos e feitos heróicos. De volta à aldeia, findos o ciúme e a inveja, a vergonha e a raiva, os irmãos ensinam aos seus co-aldeões a festa do ‘Yawari’ ”.

Como se vê, o mito do “Yawari” narra a aquisição de seu rito, que, por sua vez, dramatizará o mito seu. Isto aponta para o fato de que o significado da festa não admite nada antes dela mesma, contribuição Kamayurá para a teoria do drama ritual enquanto categoria (ou “apresentação”).

Transcrição das letras das canções

Convenções:

Os sons são os mesmos do Português, com exceção dos seguintes:

': oclusiva glotal sonora.

ng: nasal velar sonora.

ù: vogal central alta sonora.

nd: oclusiva alveolar sonora (d), precedida de nasalização na mesma posição (n).

U: uvular nasalizada sonora, precedida de glotalização e realizada com os lábios fechados. Som de "percussão vocal", varia com "i".

uA: emissão da vogal surda A em posição uvular, precedida de glotalização e de bilabialização. Som de "percussão vocal", varia com "i".

*M: bilabial, nasal, sonora, não-explodida, em posição uvular-glotal. Som de "percussão vocal" e com sentido diapasônico (afinação), também varia com "i".

() : os sons entre parênteses são antecipações daqueles imediatamente seguintes.

(...): repetição.

I. Primeiro Canto (Abertura, Noitinha)

(repertório do gato do mato; coreografia: sentados)

1

oo \
ho o o ho (côro de tanataus)
wo o /
hoy wo (côro de jaguatiricas)

2

mote key hay ha'i
mote key hay ha'i
mote key mote key
morturù ye piramõ yepiwa
mote key hay ha'i
mote key hay ha'i
mote key hote key
morurù ye piramõ yepiwa
hote key hay ha'i
mote key hay ha'i

3

iraitù he yawari
he yawari ramo
iraitù he yawari
he yawari ramo
he he nu yawari
he nu yawari
nu yawari
he yawari
hayhi ha'i
hayhi hayhihi
hayhi hayhihi
hayhihi
hayhihi
hayhi ha'i

4

horo wù horo wùwa
 tùwa hay
 hay hay
 horo wù horo wùwa
 tùwa hay
 hay hay
 oyùka ye
 kamayùwa nerehe ùwa hay
 hay hay
 oyùka ye
 kamayùwa nerehe ùwa hay
 hay hay
 horo wù horo wùwa
 tùwa hay
 hay hay
 oyùka ye
 kamayùwa nerehe ùwa hay
 hay hay

5

kamiwa ye
 kamiwa ye
 hay ha'í ha'í ha'í
 kamiwa ye
 kamiwa ye
 hay ha'í ha'í ha'í
 kamiwa ye warùhù
 kamiwa ye warùhù
 kamiwa ye warù
 haya katu warùhù
 kamiwa ye warùhù
 hay hayhi ha'í
 hayhi hayhihi
 hayhi hayhihi
 hayhihi
 hayhihi
 hayhi ha'í
 kamiwa ye warùhù
 kamiwa ye warùhù
 kamiwa ye warù
 haya katu warùhù
 kamiwa ye warùhù
 hay hayhi ha'í
 hayhi hayhihi
 hayhi hayhihi
 hayhihi

hayhihi
 hayhi ha'í

6

he he he nuterihì yu
 he he he nuterihì yu
 witsu weru weru
 yawari nawi
 nuterii yu
 witsu weru weru
 yawari nawi
 nuterihì yu
 kuewe
 yawari nawi
 nuterihì yu
 atùra
 yawari nawi
 nutehihi yu
 he he he nuterihì yu
 he he he nuterihì yu
 hitsu eru eru
 yawari nawi
 nuterihì yu
 hitsu eru eru
 yawari nawi
 nuterihì yu
 atùra
 yawari nawi
 nuterihì yu
 he he he nuterihì yu
 he he he nuterihì yu

7

yahaha hay
 hiahaha hiahaha hay
 hiahaha hay
 heru ata miahaha
 heru wata miahaha hay
 heru wata miahaha hay
 hiahaha hay
 hiahaha hay
 heru ata miahaha
 heru wata miahaha hay
 heru wata miahaha hay
 hiahaha hay
 hiahaha hay

8

(conforme 1)

9

ho o o ho ho ho ho ho o (1o.

tanatau)

o o o o o o o o o o (2o. tanatau)

wo o hoy wo wo o hoy wo (côro de jaguatiricas)

hù hù hù hù hù hù hù hù (jaguar)

10

kù.....(1o. tentenzinho)

kù.....(2o. tentenzinho)

hoy wo (côro de jaguatiricas)

II. Sétimo Canto (Tarde)

A. (repertório do gato do mato; coreografia: dançando em procissão)

1

(conforme 1 do Primeiro Canto)

2

witsiika witsika witsika rahe

witsika rahe

witsihika witsika witsika rahe

witsika rahe

witsihika witsika witsika rahe

witsika rahe

wakatuyaramera wakatuyaramera

yerùwùra oapi epia

witsika rahe witsika rahe

wakatuyaramera

yerùwùra oapi epia

witsika rahe witsika rahe

witsiika witsika witsika rahe

witsika rahe

3

hipùwa hoayar yenonewa

hipùwa hoayar yenonewa

ùwa ùwùra

herùwùrapa katùre

herùwùra ùwùra

herùwùrapa katùre

herùwùra hewùra

ùwa ùwùra

hipùwa hoayar yenonewa

hipùwa hoayar yenonewa

hipùwa howayar yenonewa

ùwùrapa katùre

herùwùrapa katùre

heyupù weyupù

herùwùrapa katùre

heyupù weyupù

pùya katùra yerùwùra

4

yaw yauk (k)ere heehe

yaw yauk (k)ere yahu(k) kerere

yaw yaw yahu (k) kerere

yaw yauk (k)ere yahu (k) kerere

yaw yaw yahu(k) kerere

peiko kwanu tsiririko

yaw yahu(k) kerere

peiko yahu(k) kerere

5

he he he he

yohoo he

he he he he

yoho a he

he he he he

yokariar(i) yokariar(i)

yohookariar(i)

oho a he
hookariar(iirieri) he
yoho a he hoa he
he he he he
yoho

6
awiri he yoho
ayùtù he nu kawari
awiri he yoho
ayùtù he nhù kawari
he e he e nu kawari
he e he e nu kawari
he e he e nhu kawari
iwakatu nhu kawari
hayhi he he nhu kawari
hay he he nhu kawari
hayhihi nhu kawari
hayhihi nhu kawari

7
(conforme 1)

B. (repertório do gato do mato; coreografia: dançando em bloco)

1
(conforme 1)

2
kakari ye kakari ye kakari ye
he....
kakari ye kakari ye kakari ye kakari ye
he....
yawari yawari yawari yawari
yawari yawari
poromotsiyara
[alguém cantou: poropotsiyara]
he....
kakari ye kakari ye kakari ye kakari
ye
he....
hahari ye ye
yawari yawari yawari yawari
poromotsiyara
kakari ye
he....
kakari ye kakari ye kakari ye kakari
ye

he....
yawari yawari yawari yawari
yawari yawari
poromotsiyara
kaka he ye
he....

3
kaka ye he
kaka ye wene
kaka ye wene
he he nerehe haha
hahahaha
okaka ye wene
kaka ye wene
he he nerere haha
hahahahaha
miyatar ipùra
yapùtar ipùra
yawari he
henere mi motara
yawari hewe
kaka ye wene

kaka ye wene
he he nerehe haha

4
haaha he ye
haaha e ye
haaha e ye
hahaha
haaha hee ye
haaha e ye
haahaaha hee ye
haaaaa
hina hinaya inahuyjaya
kami he huypōyjōy
kami heehe huypōy huyja natu
haaha ehe ye
hahaahaha
haaha ee yee
haaha ee

5
wakù he
wakùye ye
e hahay
wakù he
wakùye ye
e hahay
nu yawari potarihe
nu yawari potarihe
wakùye ye
e hahay
nu yawari potarihe
wakùye ye
e hahay

6
wahù wahù wahùhù ye
wahù wahù wahùhù ye e
wuta wuta kakari na
wuta wuta kakari nawi
wahù e wahù wahù ee
yawari puwe wene
wahù e wahù wahùù e

7
wakù wakù wakù wo
here wo yahari porohù wo
yahari yahari
wakùhù wo hereù wo

yahari yahari porohù wo
yahari yahari
yakùù yere
yahùù yereù wo
yawari porohù wo
yawari yawari
wakù wakùù ye
yawari porohù wo
hawari yahari ehù wo
hereù wo here wo
yawari porohù wo
yahari wahari
eretù wù yere
erewù yereù wo
yawari porohù wo
ho hahari hahari
wakatu yereù wo
yawari porohù wo
yahari yahari
heù iwo
heù wo
yawari porohù wo
ahari ahari

8
wa'ùhù ye wa'ùhù ye
eeehee
umape yerùwùra
yawari ha'i
ehhee
peipe yùrùwùra
humape yerùwùra
yawari okawiyara
ehhee
wa'ùhù ye ehee
ang wenga yerùwùra
yawari okaria(r) rowa
ùhù ye
wa'ùhù ye hehee
wa'ùhù ye
wa'ùhù ye hehe
umape yerùwùra
umape yerùwùra
yawari okariara
ha'ùhù ye
nda'ùhù ye hehee

9

he yu mani'i rù
 hehehe'i hahay
 he yu mani'i rù
 hehehe'i hahay
 manu mani'i rù
 he yu mani'i rù
 hehehe'i hahay
 he yu mani'i rù
 hehehe'i hahay
 wakùye yoowii
 wakùye yooowii
 kawakawari awawoya hene hewi
 hehehe'i hahay
 he yu mani e
 he yu mani'i
 hehehe'i hahay
 he yu mani'i
 hehehe'i hahay

10

wùra ipoyure yure
 wùra ipoyure yure
 nuka nukaya he
 hehe yu'a
 nuka nukaya he
 hehe yu'a
 nuka nukaya he
 wùra ipoyure yure
 hùra ipoyure yure
 nuka nukaya he
 hùra epoyure yure
 nuka nukaya he
 hehe wu'a
 nuka nukaya he
 hehe hu'a
 nuka nukaya he
 hùra epoyure yure
 hùra epoyure yure
 nuka nukaya he
 hùra epoyure yure
 nuka nukaya he
 hehe hu'a
 nuka nukaya he
 hehe hu'a
 nuka nukaya he

11

iwaya'i hiwaya'i

haha'i haha'i
 iwaya'i hiwaya'i
 haha'i haha'i
 hene yaye memùra
 iwaya'i
 haha'i haha'i
 iwaya'i hiwaya'i
 haha'i haha'i
 henea kupatsia
 henea kupatsia
 roake roya pi'a
 haha'i haha'i
 hene yaye memùra
 roake roya pi'a
 haha'i haha'i

12

haya hayar(i)
 haya hayar(i) há'i
 yerùwùra newa
 yerùwùra newa
 ho'ùwora newa
 ho'ùwora newa
 haya hayar(i) ihiye
 haya hayar(i) ihiye
 yerùwùra newa
 yerùwùra newa
 ho'ùwora newa
 ho'ùwora newa
 haya hayar(i) ihiye
 hayar(i) ihiye
 haya hayar(i) ihiye

13

mani himani mani
 hay haha'i
 hay haha'i
 hahahahaha'i
 mani himanihi mani mani
 hay haha'i
 hay haha'i
 hahahahaha'i
 iwakatu katu ne
 iwakatu katu ne
 yerùwùra yawari'a
 himani mani
 hay haha'i
 hay haha'i

hahahahaha'i
makamayùyara yerùwùra yawari'a
himani mani
hayda há'i
hayda há'i
hahahahaha'i

14

hiwani hiwani duye
hiwani hiwani duye
hene potapiara
hene potapiara
hene potapiara
makariara he

15

waakuutee weene
wakute wene
he ye haha'i
waakuutee wee
wakute wene
he ye haha'i
wakute wene
he ye haha'ihi
wahakuhute wene
wakute wene
he'e ye haha'i
hey komi e'ùferù
hayo omi
heyù yawera ramõ
wakute wene
he ye haha'i
he'ù werù
heyù dawè ho'a ramõ
wakute wene
he ye haha'i

16

há'i haha'UUUU
haha'UUUUUU
haha'UUUU
hay há'iha
hay há'i haha'UUUU
hayhi hayhi haha'UUUU
haha'UUUU
hayhiha hayhi haha'UUUU
haha'UUUU

hayhi hayhi
haha'UUUU haha'UUUU
hayhiha hayhi haha'UUUU
haha'UUUU
hayhi hayhi haha'UUUU
haha'UUUU

17

há'i há'i
há'i há'ina
há'i há'i'UU
há'i há'i'UU
há'i há'ina
há'i há'i'U
há'i'UU
há'i há'i'U
heaawike yerùwùra
heapike yerùwùra
há'i há'i
he tapiare'ùm
orù'U
há'i há'i'U
he hahi hahi he
hahi hahi
ahi hahi'U
ahi há'i'U
wihahi hahi
ahi há'i
ahi há'i'U
ahi a'i'U

18

nokaya nokaya
há'i há'uA'uA
nuka nukaya
há'i há'uA'uA
yenetorùwa rehe
yenetorùwa rehe
ho'ùmo'ùronewa
há'i há'*M*M
nukaya nukaya
há'i há'*M*M
nuka nukaya
há'i há'*M*M

19

yawari nawì
yawari nawì
yawari nawì

yawari nawi
 he ye haha'i
 yawari tuwe wene
 he ye haha'i
 yawari nawi
 he ye haha'i
 yawari tue wene
 he ye haha'i
 yawari nawi
 yawari nawi
 yawari nawi
 yawari nawi

20

(conforme 1)

C. (repertório do gato do mato; coreografia: dançando em linha)

1

(conforme 1)

2

he haha'i
 yawahari yawari yawari yo
 he haha'i he haha'i
 hamō tete puyara
 hamō tete wiyara
 yeretsak yenone
 he haha'i
 hamō tete wiara
 yeretsak yenone
 he haha'i
 yawaarii yawari yawari yawari yo
 he haha'i
 yawaari yawari yawari yo
 he haha'i
 he haha'i

3

(conforme 1)

Traduções das letras ao Português

Tradução básica - Rafael José de Menezes Bastos

A presente tradução é essencialmente um ensaio, baseando-se nas exegeses nativas e no meu conhecimento (não-especializado) da língua Kamayurá (Apùap). Uma literatura básica desta língua inclui os seguintes títulos: Harrison (s/d2, 1977, ms.), Monod-Becquelin (1975), Saeltzer (1974, 1976), Seki (1983), Saeltzer e Clapper (s/d) e Silva (1981). No caso específico das presentes traduções, pude contar com a generosidade de Harrison (s/d2), Monod-Becquelin (s/d) e Silva (s/d).

Considerando que uma tradução justilinear ocasionaria um nível altíssimo de repetições – já que as letras do “Yawari” são extremamente reiterativas –, optei por uma tradução enxuta verso a verso, baseada em vocabulários apresentados canção a canção. Nesta tradução, as palavras (separadas por vírgulas [,]) estão dispostas na sua ordem original de aparecimento, e as repetições foram reduzidas ao mínimo possível. Seguem-se abaixo as abreviaturas usadas nos vocabulários das traduções, com a descrição sumária dos processos de musicalização da fala envolvidos.

Abreviaturas

at: antecipação [de som, ou sílaba (s)]

bl: bilabialização [prefixação de uma palavra por (w-)]

cs: causativo

d: demonstrativo

dm: diminuição [compressão das sílabas de uma palavra]

dp: duplicação [de som, ou sílaba (s)]

gen: genitivo

gl: glotalização [prefixação de uma palavra por ('-)]

ic: vogal interconsonantal

in: consoante intervocálica

k: em (língua) Kamayurá (Apùap)

n: nominalizador

on: onomatopéia

p: pronome

pa: em (língua) Payeté [tribo na qual, segundo o mito, se deu o conflito original que desencadeou a descoberta do “Yawari” (veja “Introdução”)]

pl: plural

pr: prefixo

- ps:** pessoal
pv: possessivo
pz: palatalização [prefixação de uma palavra por (y-)]
ref: referencial para (termo de parentesco)
rf: reflexivo
rs: ressilabação [recomposição lexical através de trocadilhos]
s: singular
sp: aspiração [prefixação de uma palavra (h-)]
tc: trocadilho com
tr: em (língua) Trumaí
ts: marca de substantivo
v: verbal
vc: vocalização [processo geral de transformação fonética de uma palavra]
voc: vocativo para (termo de parentesco)
y: em (língua) Yawalapití
?: talvez
??: tradução indisponível
.....: repetição de forma
0/: ausência de vc
1, 2, 3: pessoas
le: primeira pessoa do plural exclusivo
li: primeira pessoa do plural inclusivo

I. Primeiro Canto (abertura, noitinha)

2

mote key hay ha'i [jacubim, queimar,
 jaguatirica]
 mote key hay ha'i
 mote key mote key
 morürü ye piramõ yepiwa [causa
 alegria, a mim, outro peixe (que de-
 sejo), eu flechar]
 mote key hay ha'i
 mote key hay ha'i
 mote key hote key
 horürü ye piramõ yepiwa [fico alegre,
 eu, outro peixe (que desejo), eu flechar]
 hote key hay ha'i [jacubim, (alegra-
 me), queimar, jaguatirica]
 mote key hay ha'i

Vocabulário

mote: tr 'jacubim'
 -key: ? vc "-kay", 'queimar'
 ('enciumar')
 hay: dm com sp "yawari",
 'jaguatirica' (yawari-yahari-ha'i-
 hay-hi/ha)
 ha'i: idem
 mo-: cs
 -rürü: dp "-rù", ("orùp" / "orù")
 'alegre'
 ye: p ps 1s
 pira: 'peixe'
 amõ: 'outro' (tc. "amo-", 'desejo')

-piwa: 'flechar'
hote: sp "mote" (tc "horù")
horù: sp "orù", 'alegre'

3

iraitù he yawari [cera de abelha,
você, jaguatirica]
he yawari ramo [você, jaguatirica,
(outra) deseja]
iraitù he yawari
he yawari ramo
he he nu yawari [você, amarela,
jaguatirica]
he nu yawari
nu yawari
he yawari
hayhi ha'i [jaguatirica]
hayhi hayhihi
hayhi hayhihi
hayhihi
hayhihi
hayhi ha'i
Vocabulário:
iraitù: 'cera de abelha'
he: p ps 2s
yawari: 'jaguatirica'
-r-: in
amo-: 'desejo' (tc amō, 'outro')
nu: vc "'iyup", 'amarelo'. A forma
"nu yawari" indica o "yawaripep",
ou "yawariyup", um felino não
identificado.
hayhi, hayhihi: vc de "yawari"

4

horo wù ho wùwa [de nós outros,
sangue, de nós outros, sangue do
(gen)]
tùwa hay [primo cruzado (que assim
também me faz), jaguatirica]
hay hay [jaguatirica]
horo wù horo wùwa
tùwa hay
hay hay
oyùka ye [ele mata, eu]
kamayùwa nerehe ùwa hay
[camaíua, tua, prima cruzada
(que assim também

lhe faz), jaguatirica]
hay hay
oyùka ye
kamayùwa nerehe ùwa hay
hay hay
horo wù horo wùwa
tùwa hay
hay hay
oyùka ye
kamayùwa nerehe ùwa hay
hay hay

Vocabulário:

horo: sp "oro", p pv le
wù: 'substância genealógica'
('sangue')
-wa-: ? gen
tùwa: voc primo cruzado
hay: vc de "yawari" (tc "-hap", n)
watùwahay: rs que tc
"yatùwahap", ref cruzado
o-: pr v 3s
-yùka: vc "-yuka", 'matar'
kamayùwa: 'camaíua ('bambu
para flechas')
ne: p ps 2s
rehe: 'em tomo de' ('acerca de')

5

kamiwa ye [camíua, eu]
kamiwa ye
hay ha'i ha'i ha'i [jaguatirica]
kamiwa ye
kamiwa ye
hay ha'i ha'i ha'i
kamiwa ye warùhù [camíua, eu,
da água]
kamiwa ye warùhù
kamiwa ye warù
haya katu warùhù [eu dono, mo-
delar, da água]
kamiwa ye warùhù
hay hayhi ha'i [jaguatirica]
hayhi hayhihi
hayhi hayhihi
hayhihi
hayhihi
hayhi ha'i

kamiwa ye warùhù
 kamiwa ye warùhù
 kamiwa ye warù
 haya katu warùhù
 kamiwa ye warùhù
 hay hayhi ha'i
 hayhi hayhihi
 hayhi hayhihi
 hayhihi
 hayhihi
 hayhi ha'i

Vocabulário:

kamiwa: árvore de cuja madeira o demurgo fez mulheres para casar com onça

-wa-: ? genitivo

-rù: forma intervocalizada de "'ù", 'água'

-hù: sp "'ù", 'água' (tc onomatopéia da voz de onça)

ha: sp "a-", pr v 1s

-ya-: 'dono', 'patrocinador'

katu: 'bom', 'belo', 'modelar', 'curado'

6

he he he nuterihì yu [você, amarelo jacubim, amarelo]

he he he nuterihì yu

witsu weru weru [? o pai dele, você partilha]

yawari nawi [jaguaririca, proveniente da]

nuterihì yu

witsu weru weru

yawari nawi

nuterihì yu

ku e we [??]

yawari nawi

nuterihì yu [amarelo jacubim, amarelo]

atùra [meu afim]

yawari nawi [jaguaririca, proveniente da]

nutehihi yu

he he he nuterihì yu

he he he nuterihì yu

hitsu eru eru [? o pai dele, você partilha]

yawari nawi

nuterihì yu

hitsu eru eru

yawari nawi

nuterihì yu

atùra

yawari nawi

nuterihì yu

he he he nuterihì yu

he he he nuterihì yu

Vocabulário:

he: p ps 2s

nuterihì: pronúncia k do tr arcaico "noterese" (ou "nutseriri"), 'jacubim'

nuterii, nutehihi: vc "nuterihì"

yu: vc "'iyup", 'amarelo'

witsu, hitsu: ? vc "itu-" [bl, sp]

("itup": "i-", p pv 3 s + ref 'pai')

weru, eru: ? vc "-ru" [bl, 0/],

("eru": "e-", p pv 2 s + 'partilhar')

kuewe: ??

-n-: in

awi: 'proveniente de'

atùra: 'afim'

7

yahaha hay [nós mesmos (feras) vamos, jaguaririca]

hiahaha hiahaha hay

yahaha hay

heru ata miahaha [partilhe, um pouco, tornemo-nos feras,

jaguaririca

heru wata miahaha hay

heru wata miahaha hay

hiahaha hay

hiahaha hay

heru ata miahaha

heru wata miahaha hay

heru wata miahaha hay

hiahaha hay

hiahaha hay

Vocabulário:

ya-: pr v li
 -haha: dp “-ha”, ‘vou’
 hiahaha: sp “yahaha” (ambos tc
 “miahaha”)
 miahaha: vc “miyat”, ‘fera’ (tc
 “hiahaha” e “yahaha”)
 he: p ps 2s
 -ru: ‘partilhar’
 ata, wata: ? vc “-atsa”, ‘pouco’

II. Sétimo Canto (Tarde)

A

1

(conforme 1 do Primeiro Canto)

2

witsiika witsika witsika rahe [socó
 (maribondo), você (acerca de)]
 witsika rahe
 witsihika witsika witsika rahe
 witsika rahe
 witsihika witsika witsika rahe
 witsika rahe
 wakatuyaramera wakatuyaramera
 [na presença dos campeões]
 yerùwùra oapi epia [meu júnior
 (madeira), ele flechou, a você
 flechou]
 witsika rahe witsika rahe
 wakatuyaramera
 yerùwùra oapi epiwa
 witsika rahe witsika rahe
 witsiika witsika witsika rahe
 witsika rahe

Vocabulário:

witsika: tr ‘tipo de socó’ (k “mere-
 keyu”). A forma encontra vc em
 “witsiika” (com sp em “witsihika”).
 A repetição da forma cria a rs “ka-
 wi”, “maribondo”
 -rahe: ? vc “-rehe”, ‘acerca de’.
 Ou ? “-r-”, in + “-a”, ts + “he”,
 p ps 2s
 wakatuyaramera: “wa-”, ‘presença
 de alguém’ + “yar-”, ‘dono’, +
 “-a”, ts + “-mer”, coletivo (‘conjunto de’)

+ “-a”, ts. Aponta o ‘conjunto
 dos campeões’ (no “Yawari” e
 nas lutas marciais).
 yerùwùra: “ye-”, p ps 1s + “-r-”,
 in + “-ùwùr-”, ref. ‘irmão júnior’
 + “-a”, ts. A forma “ùwùra”
 significa ‘madeira’ (‘força’)
 o-: pr v 3s
 -a-: ??
 -pi-: 1a. sílaba de “piwa”, ‘flechar’
 e-: p ps 2s
 -pia: “piwa”, ‘flechar’, com o “-
 w-” caído” (tc com “pia”, voc. ‘ir-
 mão júnior’)

3

hipùwa hoayar yenonewa [pé (fle-
 cha) mestre (do), acertador, ficará
 em minha frente]
 hipùwa hoayar yenonewa
 ùwa ùwùra [o mestre, a madeira]
 herùwùrapa katùre [de você arco,
 na direção de você]
 herùwùra ùwùra [de você júnior,
 madeira]
 herùwùrapa katùre
 herùwùra hewùra [de você júnior,
 de você madeira]
 ùwa ùwùra
 hipùwa hoayar yenonewa
 hipùwa hoayar yenonewa
 hipùwa hoayar yenonewa
 ùwùrapa katùre [arco, na direção
 de você]
 herùwùrapa katùre
 heyupù weyupù [??]
 herùwùrapa katùre
 heyupù weyupù
 pùya katùre yerùwùra [flechar,
 generoso, meu júnior]

Vocabulário:

hipùwa: sp “ipù”, ‘pé’ + “-ùwa”,
 ‘mestre’, ‘senhor’. tc “ù’ùp”, ‘fle-
 cha’
 hoayar: “ho-”, ‘acertar’ + “-a-”, ic
 + “yar-”, ‘dono’. A rs “hoa” tc
 com “-rowa”, ‘rosto’, e ? “-roa”,
 ‘testemunhar’

yenonewa: "ye-", p ps 1s +
 "-enone", 'na frente' + "-newa",
 marca de futuro
 ùwùra: 'madeira' ('força'). tc
 "herùwùrapa", "herùwùra"
 herùwùrapa: "he-", p ps 2s +
 "ùwùrapa-", 'arco'. tc "ùwùra",
 "herùwùra"
 katùre: "katù", 'na direção de'
 + "-r-", in + "-e", ? marca 2s.
 A forma tc com "katùra", 'generoso'
 herùwùra: 'he-', p ps 2s
 + "-ùwùr-", ref. 'irmão júnior' +
 "-a", ts tc "ùwùra", "herùwùrapa".
 yupù: ??
 we: ? p reflexivo de 1
 pùya: 'lançar flecha' ('dardo')

4

yaw yauk (k)ere heeche [banhe-se,
 você (gaivota), você]
 yaw yauk (k)ere yahu(k) kerere
 [banhe-se, você (gaivota), reicon-
 go, gaivota]
 yaw yaw yahu(k) kerere
 yaw yauk (k)ere yahu(k) kerere
 yaw yaw yahu(k) kerere
 peiko kwanu tsiririko
 [você ficaram, guandu, secos
 ficaram]
 yaw yahu(k) kerere
 peiko yahu(k) kerere

Vocabulário:

yauk: 'banhar-se'. "yaw"
 compõe-se pela caída do '-k'
 " final, na confluência da repetição.
 tc "yahu", 'reicongo'
 kere: forma contrata de "kerere",
 on da voz da gaivota
 heeche: "he-", p ps 2s triplicado
 (a 2ª vez, sem sp). tc "kerere"
 yahu: reicongo. Através da rs
 "yahuk", tc "yauk"
 pe: "lá". Usado como pronome por
 aqueles que mutuamente não podem
 pronunciar seus nomes
 ["você(s) lá"]

iko: 'ficar', 'estar'
 kwanu: 'guandu' (um tipo de
 feijão)
 tsiriri: seco

5

he he he he [você]
 yohoo he [coragem, você]
 he he he he
 yoho a he [coragem, você/
 ?testemunhar você]
 he he he he
 yokariar(i) yokariar(i) [matador
 (júnior)]
 yohookariar(i)
 oho a he
 hookariar(iirieri) he
 yoho a he hoa he [coragem,
 você/
 ?testemunhar você]
 he he he he
 yoho

Vocabulário:

"he-": p ps 2s
 yohoo: vc "yohoho", exortação à
 bravura
 a: ??
 yokariar(i): vc "-yuka", 'matar' +
 "-r-", in + "-yar", 'dono'. A
 anteci-
 pação do "i", na confluência da
 repetição, permite a rs diminuti-
 va,
 indicativa do júnior
 yohookariar(i): forma contrata
 de
 yohoo + yokariar(i)
 oho: dm yohoo
 hoa: rs que tc com "-rowa",
 'rosto',
 e? "-roa", 'testemunhar'
 iirieri: contração do diminutivo
 ("i") + e, p ps 2s + "-r-", ic

6

awiri he yoho [Awetí, você,
 coragem]

ayùtù he nu kawari [Awetí,
 você,
 amarelo, amarelo]
 awiri he yoho
 ayùtù he nhù kawari
 he e he e nu kawari
 he e he e nu kawari
 he e he nhu kawari
 iwakatu nhu kawarii [mão
 direita, amarelo, vaga-lume]
 hayhi he he nhu kawari
 [jaguatirica, você, amarelo, vaga-
 lume]
 hay he he nhu kawari
 hayhihi nhu kawari
 hayhihi nhu kawari

Vocabulário:

awíri: ? y para 'bom' ('curado'). ?
 vc "Awetí". ?, "'awiri",
 'cabelinho'
 ayùtù: ? vc "Awetí".
 nu: vc "'iyup", 'amarelo'. vc em
 "nhù" e "nhu"
 kawari: 'vaga-lume'. A rs
 "nukawari" tc "-yukariat", 'ma-
 tador'
 iwakatu: ? vc "-h^wakatu", 'mão
 direita' ('boa')

7

(conforme 1)

B. (repertório do gato do mato; coreografia: dançando em bloco)

1

(conforme 1)

2

kakari ye kakari ye kakari ye
 [(para) gaivota disse (gaivotinha),
 eu]
 he... [você...]
 kakari ye kakari ye kakari ye
 kakari ye
 he...
 yawari yawari yawari yawari
 yawari yawari [jaguatirica]

poromotsiyara (alguém cantou:
 "poromotsiyara") [de nós outros,
 causador da vergonha, dono/ de
 nós outros, fezes, dono]
 he...
 kakari ye kakari ye kakari ye
 kakari ye
 he...
 hahari ye ye
 yawari yawari yawari yawari
 poromotsiyara
 kakari ye
 he...

kakari ye kakari ye kakari ye
 kakari ye
 he...
 yawari yawari yawari yawari
 yawari yawari
 poromotsiyara
 kaka he ye
 he...

Vocabulário:

kaka: ? pa nome ou onomatopéia
 da voz da gaivota
 -ri-: ? “-r-”, in + “-i”, diminutivo.
 ? “-r-”, in + “-i”, ‘dizer’
 poro-: p pv 1e
 mo-: cs
 -tsi-: ‘vergonha’, ‘tristeza’, ‘raiva’.
 A rs “motsi” tc com “potsi”, ‘fezes’
 -a: marca de substantivo
 yara: ‘dono’
 hahari: vc “yawari”. tc com rs
 “kakari”

3

kaka ye he [gaivota, eu, você]
 kaka ye wene [gaivota, eu, você]
 kaka ye wene
 he he nerehe haha [você, acerca de
 você, gaivota/jaguaririca]
 hahahaha [gaivota/jaguaririca]
 okaka ye wene [ele, gaivota
 (enciuma), eu, você]
 kaka ye wene
 he he nerere haha [você, ? o nome
 de você, gaivota/jaguaririca]
 hahahahaha
 miyatar ipùra [fera, dele envoltório]
 yapùtar ipùra [de nós mesmos o
 calcanhar, dele envoltório]
 yawari he [jaguaririca, você]
 henere mi motara [? o nome de você,
 ??, comida (prazer)]
 yawari hewe
 kaka ye wene
 kaka ye wene
 he he nerehe haha
 Vocabulário:
 wene: bl “ene” (“hene”), p ps 2s

haha: vc sp “kaka” e “yawari” (da
 vc “hahari”). A rs “okaka” aponta
 ‘ele se enciuma’ (‘queima’)

ne: p ps 2s

rehe: ‘em torno de’ (‘acerca de’). A
 forma “nerehe” tc “nerere” e
 “henere”

rere: dp “-re-”, ? ‘nome’ (‘capa’)
 miyatar: “miyat”, ‘fera’ + “-a”,
 marca de substantivo + “-r-”, in tc
 “yapùtar”

ipùra: “-i-”, p pv 3s + “pùra”,
 ‘casa’ (‘envoltório’)

yapùtar: “ya-”, p pv 1i + “pùta”,
 ‘calcanhar’

mi: ??

motara: varia livremente com
 “potara”, ? ‘comida’. tc “potat”,
 ‘gostar’ e “potawa”, ‘comida’

4

haaha he ye [gaivota/ jaguaririca,
 você, eu]

haaha e ye

haaha e ye

hahaha

haaha hee ye

haaha e ye

haahaaha hee ye

haaaaa [gaivota/jaguaririca]

hina hinaya inahuyjaya [? Inajá,
 ??]

kami he huypöyjöy [maribondo,
 você, ? sol, ??]

kami heehe huyjöy huyja natu
 [maribondo, você, ? sol, ??]

haaha ehe ye

hahaahaaha

haaha ee yee

haaha ee

Vocabulário:

hina: ? at “hinaya”, ‘inajá’ (pal-
 meira, ? grupo indígena)

kami: vc “kawi”, ‘maribondo’. ? y
 ‘sol’

natu: ? y p ps 1s

inahuyjaya: ??
 huypôjôy: ??
 huyjôy: ??
 huyja: ??

5

wakù he [despertar (temer), você]
 wakùye ye [temer (despertar), eu]
 e hahay [você, jaguatirica]
 wakù he
 wakùye ye
 e hahay
 nu yawari potarihe [amarela,
 jaguatirica, deseja (não deseja)
 você]
 nu yawari potarihe
 wakùye ye
 e hahay
 nu yawari potarihe
 wakùye ye
 e hahay

Vocabulário:

wakùye: ? vc “-kùye”, ‘temer’. tc
 rs “wakùhe”, ? ‘você teme’ e “-
 wawak”, ‘despertar’
 -portarihe: “-potar”, ‘gostar’ + “-
 i-”, ic + “he”, p ps 2s. ? vc “-
 potarite”, ‘não gosta’

6

wahù wahù wahùhù ye [flechar
 (temer), eu]
 wahù wahù wahùhù ye e [flechar
 (temer), eu, você]
 wuta wuta kakari na [aldeia, pe-
 quena gaivota, proveniente de]
 wuta wuta kakari nawi
 wahù e wahù wahù ee [flechar
 (temer), você]
 yawari puwe wene [jaguatirica,
 pai de você, você]
 wahù e wahù wahù e

Vocabulário:

wuhù: ? ‘flechar’. tc “wakù”
 wahùhù: “wahù” com dp da últi-
 ma sílaba
 wuta wuta: ? vc “tawa”, ‘aldeia’
 kakari: “kaka” + “-r-”, in + “-i”,

diminutivo

na: at “nawi”
 nawi: “-n-”, in + “awi”, ‘proveni-
 ente de’
 e, ee: vc “he”
 puwe: pronúnciação errada de
 “tuwe”, ? ref. “tup”, ‘pai’ + “-e”,
 p ps 2s
 wene: bl “ene” (“hene”), p ps 2s

7

wakù wakù wakù wo [despertar
 (temer), acerto]
 here wo yahari porohù wo [de
 você, acerto, jaguatirica, de nós
 outros flecha, acerto]
 yahari yahari [jaguatirica]
 wakùhù wo hereù wo [despertar
 (temer), a flecha, acerto, de você a
 flecha, acerto]
 yahari yahari porohù wo
 yahari yahari
 yakùhù yere [despertar (temer), a
 flecha, de nós mesmos]
 yahùhù yereù wo [??, flecha, de nós
 mesmos, acerto]
 yawari porohù wo
 yawari yawari
 wakù wakù ye
 yawari porohù wo
 hawari yahari ehù wo
 [jaguatirica, de você a flecha, acer-
 to]
 hereù wo here wo
 yawari porohù wo
 yahari wahari
 eretù wù yere [você reproduzir,
 sangue genealógico, de nós mes-
 mos]
 erewù yereù wo [de você sangue
 genealógico, flecha de nós mes-
 mos, acerto]
 yawari porohù wo
 ho hahari hahari [??, jaguatirica]
 wakatu yereù wo [mão direita, de
 nós mesmos flecha, acerto]
 yawari porohù wo
 yahari yahari

heù iwo [de você a flecha, dele o acerto]
 heù wo [de você a flecha, o acerto]
 yawari porohù wo
 ahari ahari

Vocabulário:

-wo: 'acerto' [com flecha]
 here: p pv 2s
 yahari, hawari, hahari, ahari: vc "yawari"
 hù: ? forma contrata de "ù'ùp", 'flecha'. tc onomatopéia voz da onça
 ù: ? idem, sem sp
 yakù: ? pz "wakù"
 yere: p pv 1i
 yahù: ??
 e: p pv 2s, sem sp
 tù: reproduzir
 wù: sangue genealógico. tc "hù"
 ho: ??
 i: p pv 3s

8

wa' ùhù ye wa' ùhù ye [??, despertar (temer), eu]
 eehhee [você]
 umape yerùwùra [onde está, meu júnior]
 yawari ha'i
 eheee
 peipe yùrùwùra [lá ele, mãe da madeira]
 humape yerùwùra
 yawari okawiyara [jaguaririca, marimbondo dono]
 eheee
 wa' ùhù ye ehee
 ang wenga yerùwùra [este, aqui, meu júnior]
 yawari okaria(r) rowa [jaguaririca, cari dono, rosto]
 ùhù ye
 wa' ùhù ye hehee
 wa' ùhù ye
 wa' ùhù ye hehe
 umape yerùwùra

umape yerùwùra
 yawari okariara
 ha'ùhù ye
 nda'ùhù ye hehee

Vocabulário:

wa':??
 ùhù: ? vc "ù'ùp", 'flecha'. A rs "wa'ùhù" tc "wakù" e "wahù"
 umape: "uma-", 'onde?' + "pe", 'lá' (aquele). Abaixo, "humape", com sp
 yerùwùra: "ye-", p ps 1s + "-r-", in + "-ùwùr-", ref. 'irmão júnior' + '-a', ts. A forma "ùwùra" significa 'madeira' ('força')
 peipe: 'lá ele'
 yùrùwùra: "yù", ref. 'mãe', + "-r-", in + "ùwùra", 'madeira' ('força')
 okawiyara: "o-", ?? + "kawi", 'marimbondo' + "yara", 'dono'. tc "okariara"
 ang wenga: 'aqui tem' ('eis aqui')
 okaria(r): "o-", ?? + "kari", 'cari' + "yar", 'dono. tc "okawiyara"
 rowa: 'rosto'
 nda': ??

9

he yu mani'i rù [você, amarelo, mandi pequeno, da água (Yumani'irù)]
 hehehe 'i hahay [você, pequena jaguaririca]
 he yu mani'i rù
 hehehe 'i hahay
 manu mani'i rù
 he yu mani'i rù
 hehehe 'i hahay
 he yu mani'i rù
 hehehe 'i hahay
 wakùye yooowii [temer (despertar) eu, ??]
 wakùye yooowiii
 kawakawari awawoya hene hewi [vaga-lume, adulto jovem, você,

proveniente de você]
 hehehe 'i hahay
 he yu mani e
 he yu mani'i
 hehehe 'i hahay
 he yu mani'i
 hehehe 'i hahay

Vocabulário:

yu: vc "'iyup", 'amarelo'
 mani'i: "mani", 'mandi', "-i", di-
 minutivo
 rù: "-r-", in + "ù", 'água'. A rs
 "Yumani'irù" aponta os índios
 Anumaniá, incluídos pelos atuais
 Awetí (?)
 manu: ? vc "mani"
 yoowii: ??
 kawakawari: 'vaga-lume'
 awawoya: 'adulto jovem'

10

wùra ipoyure yure [passáro, dele
 nojo (pau de ponta), pau de pon-
 ta]
 wùra ipoyure yure
 nuka nukaya he [matador, você]
 hehe yu'a [você, amarelo, dardo]
 nuka nukaya he
 hehe yu'a
 nuka nukaya he
 wùra ipoyure yure
 hùra ipoyure yure
 nuka nukaya he
 hùra epoyure yure [pássaro, de
 você nojo (pau de ponta), pau de
 ponta]
 nuka nukaya he
 hehe wu'a
 nuka nukaya he
 hehe hu'a
 nuka nukaya he
 hùra epoyure yure
 hùra epoyure yure
 nuka nukaya he
 hùra epoyure yure
 nuka nukaya he
 hehe hu'a

nuka nukaya he
 hehe hu'a
 nuka nukaya he

Vocabulário:

wùra: 'pássaro'
 ipoyure: "i-", p pv 3s + "poyure":
 ? vc "poyú", 'nojo' + "yùre", 'pau
 de ponta' nukaya: "nuka", vc
 "yuka", 'matar' + "ya-", 'dono'
 yu'a: "yu", vc "'iyup", 'amarelo'
 + "a", ? tipo de flecha de assobio
 ('dardo')
 wu'a, hu'a: vc "yu'a"
 hùra: ? sp "wùra"

11

iwaya'i hiwaya'i [iwaya'i]
 haha'i haha'i [jaguaratirica]
 iwaya'i hiwaya'i
 haha'i haha'i
 hene yaye memùra [de você, tia
 paterna, a filha]
 iwaya'i
 haha'i haha'i
 iwaya'i hiwaya'i
 haha'i haha'i
 henea kupatsia [de você, a namo-
 rada]
 henea kupatsia
 roake roya pi'a [testemunhou o
 atingimento por flecha (por/nos
 testículos)]
 haha'i haha'i
 hene yaye memùra
 hoake roya pi'a
 haha'i haha'i

Vocabulário:

iwaya'i: palmeira de que se faz fle-
 chas. tc com "yawari" e suas vc
 hiwaya'i: forma de iwaya'i
 yaye: ref 'irmã do pai'
 memùra: 'gravidez'. Aponta para
 ref 'filha'
 -a: marca de substantivo
 kupatsia: "kupaci", 'namorada'
 roake: "roa", vc "rowa", 'rosto' +

“-ke”, marca de passado
 roya, hoa: vc “roa”
 pi’a: vc “piwa”, ‘flechar’.
 Também: ref ‘filho’. tc “upi’a”,
 ‘testículo’

12

haya hayar(i) [dono (pequeno)]
 haya hayar(i) há’i [dono
 (pequeno) jaguatirica]
 yerùwùra newa [meu júnior, será]
 yerùwùra newa
 ho’ùwora newa {dele flechar ??,
 será]
 ho’ùwora newa
 haya hayar(i) ihiye [dono
 pequeno], eu]
 haya hayar(i) ihiye
 yerùwùra newa
 yerùwùra newa
 ho’ùwora newa
 ho’ùwora newa
 haya hayar(i) ihiye
 hayar(i) ihiye
 haya hayar(i) ihiye

Vocabulário:

haya: at “hayar(i)”
 hayar(i): “hay”, vc “yawari” +
 “yar”, ‘dono’ + “(i)”, at “ihiye”
 (tc diminutivo)
 ihiye: pronuncia ritmada de “ye”
 (‘eu’)
 -newa: marca de futuro
 ho’u: “ho”, p v 3s + “ù”, ‘flecha’
 wo: acerto’(com flecha)
 -ra: ??

13

mani himani mani [mandi]
 hay haha’i [jaguatirica]
 hay haha’i
 hahahahaha’i
 mani himanihi mani mani
 hay haha’i
 hay haha’i
 hahahahaha’i
 iwakatu katu ne [dele mão direi-

ta, boa, de você]
 iwakatu katu ne
 yerùwùra yawari’a [meu júnior,
 dardo de “Yawari”]
 himani mani
 hay haha’i
 hay haha’i
 hahahahaha’i
 makamayùyara yerùwùra
 yawari’a [macaúba dono, meu
 júnior, dardo de “Yawari”]
 himani mani
 hayda ha’i
 hayda ha’i
 hahahahaha’i

Vocabulário:

mani: mandi
 hi: sp do “i”
 himanihi: forma de sp de “mani”
 iwakatu: “i-”, p pv 3 + ? vc “-h”
 akatu”, ‘mão direita’
 ne: p pv 2s
 yawari’a: ‘dardo’(‘flecha de
 assovio’)
 makamayùyara: “makamayù”,
 ‘macaúba’(‘palmeira’) + “yara”,
 ‘dono’
 hayda: vc “haya”

14

hiwani hiwani duye [mandi ama-
 relo, você]
 hiwani hiwani duye
 hene potapiara [você, comida (pra-
 zer) dono]
 hene potapiara
 hene potapiara
 makariara he [campeão, você]

Vocabulário:

hiwani: variação livre de
 “himani”
 duye: “du”, ? vc “iyup”, amare-
 lo’ + “ye”, p ps 1s
 potapiara: “potap”, comida (pra-
 zer) + “-iara” (“-yara”), “dono”
 makariara: “makar-”, ?? + “-iara”
 (“-yara”), ‘dono’. A forma indica

o 'campeão' nas lutas marciais

15

waakuutee weene [saracura,
você]
wakute wene
he ye haha'í [você, eu, jaguatirica]
waakuutee wee
wakute wene
he ye haha'í
wakute wene
wakute wene
he ye haha'íhi
wahakuhute wene
wakute wene
he'e ye haha'í
hey komi e 'ùferù [??]
hayo omi [??]
heyù yawera ramõ [??]
wakute wene
he ye haha'í
he'ù werù [??]
heyù dawè ho'a ramõ [??]
wakute wene
he ye haha'í

Vocabulário:

waakuutee, wahakuhute: vc
"arakut" ("wakut"), on voz da
saracura + "-e", p ps 2s
weene: bl "ene" ("hene"), p ps 2s
wee: bl "-e", p ps 2s
he'e: ? dp "he", p ps 2s, onde o
segundo sofreu gl
hey komi e 'ùferù werù: ??
hayo omi, 'ayo homi: ??
heyù yawera ramõ, heyù dawè
ho'a ramõ: ??

16

ha'í haha'UUUU [jaguatirica]
haha'UUUUUU
haha'UUUU
hay ha'íha
hay ha'í haha'UUUU
hayhi hayhi haha'UUUU
haha'UUUU
hayhiha hayhi haha'UUUU

haha'UUUU
hayhi hayhi
haha'UUUU haha'UUUU
hayhiha hayhi haha'UUUU
haha'UUUU
hayhi hayhi haha'UUUU
haha'UUUU

Vocabulário:

haha'U: com as várias durações
do U, variação de "haha'I", vc
"yawari"

17

ha'í ha'í [jaguatirica]
ha'í ha'ína
ha'í ha'í'UU
ha'í ha'í'UU
ha'í ha'ína [conjunto de
jaguatiricas]
ha'í há'í'U
ha'í'UU
ha'í ha'í'U
heaawike yerùwùra [vocês se vin-
garam (atingiram), meu júnior]
heapike yerùwùra [vocês atingi-
ram (se vingaram) (em) meu
júnior]
ha'í ha'í
he tapiare'ùm [você, dono da al-
deia não (dono da vingança, do
atingimento)]
orù'U [alegre não]
ha'í ha'í'U [jaguatirica, jaguatirica
não]
he hahi hahi he [você, jaguatirica,
você]
hahi hahi
ahi hahi'U
ahi ha'í'U
wihahi hahi
ahi ha'í
ahi a'í'U
ahi a'í'U

Vocabulário:

há'ína: "ha'í", vc "yawari" + '-
na", coletivo

awike: "awik", vc "apik", 'vingar'
(tc "api", 'atingir com objeto pontiagudo") + "-e", ? marca de passado

tapiare'um: "tap", 'aldeia' + "-iar-" ("yar-"), 'dono' + "-e'um", negativa (tc "api", atingir com objeto pontiagudo" e "apik", 'vingar'
orù'U: "orù-" ("orùp"), 'alegre' + "-U", vc "-e'um", negativa
ahi, wihahi: vc "yawari"

18

nokaya nokaya [matador]
ha'i ha'uA'uA [jaguaririca]
nuka nukaya
ha'i ha'uA'uA
yenetorùwa rehe [de nós mesmos a festa, acerca (dela)]
yenetorùwa rehe
ho'umo'uronewa [(como) se causará o ciúme]
ha'i ha*M*M
nukaya nukaya
ha'i ha*M*M
nuka nukaya
ha'i ha*M*M

Vocabulário:

nokaya, nukaya: vc "yukayat", 'matador'
nuka: at "nukaya"
ha'uA'uA: vc "ha'i'i" ("yawari")
yenetorùwa: "yene", p pv li + "torùwa", 'ritual' ('festa')
rehe: acerca de
ho'umo'uronewa: "ho'ù", ? p rf + "-mo-", cs + "-ùro", 'ciúme' + "-newa", marca de futuro
ha*M:M: vc "ha'i" ("yawari")

19

yawari nawi [jaguaririca, proveniente]
yawari nawi
yawari nawi
yawari nawi
he ye hahá'i [você, eu, jaguaririca]
yawari tuwe wene [jaguaririca,

pai você, você]
he ye hahá'i
yawari nawi
he ye hahá'i
yawari tue wene
he ye hahá'i
yawari nawi
yawari nawi
yawari nawi
yawari nawi
Vocabulário:
-n: in
awi: 'proveniente de'
tuwe, tue: ? ref "tup", 'pai' + "-e",
p ps 2s
wene: bl "ene" ("hene"), p ps 2s

20

(conforme 1)

C. (repertório do gato do mato; coreografia: dançando em linha)

I

(conforme 2)
he hahá'i [você, jaguaririca]
yawahari yawari yawari yo
[jaguaririca, amarela (foi)]
he hahá'i he hahá'i
hamō tete puyara [outro exclusivamente dono]
hamō tete wiyara [outro exclusivamente dono]
yeretsak yenone [nós mesmos ver, na frente]
he hahá'i
hamō tete wiyara
yeretsak yenone
he hahá'i
yawaarii yawari yawari yawari yo
he hahá'i
yawaarii yawari yawari yo
he hahá'i
he hahá'i

Vocabulário:

yawahari: vc "yawari"

yo: vc "yu" ("iyup"), 'amarelo'.
 Ou: passado de "ir"
 hamô: sp "amô", 'outro' (tc "amo-
 ", 'desejo')
 tete: 'exclusivamente'
 puyara: ? pronúnciação errada de
 "wiyara"

wiyara: ? "yara" ('dono') onde o
 "y" foi unissilabizado
 yeretsak: "yere", p pv li + "-tsak",
 'ver'
 yenone: "ye-", p ps ls + "-enone",
 'na frente' ('por primeiro')

Nota Prévia: E tudo o mais é literatura

Tradução Livre - Hermenegildo José de Menezes Bastos

A tradução-interpretação é inevitável, certeza esta que, entretanto, não basta para superar um certo complexo de culpa que se impõe toda vez que precisamos traduzir. Há sem dúvida violência no ato de traduzir-incorporar um fenômeno cultural originário de um outro universo. Há também sem dúvida uma boa dose de curiosidade e, no ato mesmo de alguém se debruçar sobre o texto alheio, uma certa dose de amor. Traduzir será sempre ler o desconhecido como se fosse conhecido, e só quando o conhecimento for seguro nos poderemos entregar mais à vontade ao desconhecido. Mas quando será seguro o conhecimento?

Isto posto, quero dizer que o texto kamayurá que traduzimos só por comodismo poderíamos chamar de literatura e/ou poesia. O texto é parte de uma unidade maior (um ritual) e funciona, nesta unidade maior, como uma forma de marcação das falas das personagens. O texto refere-se ao ritual, não existindo sozinho, isolado. Ao nosso texto falta narração, apesar de que em alguns momentos ameaça desenvolver-se um germe narrativo. Versos como "Camaíua, a árvore/ me assassina" ou, mais fortemente, II 2 ou, ainda, os versos de B 17 ("Jaguariticas, vocês flecharam/ o meu Júnior/ vingaram-se no meu pequeno"), estes e outros não bastam para dar ao texto um caráter épico-narrativo. A ação fica paralisada como numa história contada num vaso de cerâmica.

Texto que marca um ritual, como deveriam ser os textos dos coros dionisíacos anteriores à tragédia. A religião ainda não se perverteu em arte. Por outro lado, lembra-nos os textos medievais, porque os nomes próprios que aí estão (Jaguaritica, Jacubim, Júnior, Peixe-mandi, etc) não são nomes próprios (não nomeiam esta ou aquela pessoa), mas sim funções sociais, pontos de relevância no tecido do corpo social. São, portanto, nomes comuns. Estamos num momento anterior ao da subjetividade, anterior ao eu lírico. Aqui não há literatura. O eu que aí aparece é, como no caso da poesia

medieval, uma marca objetiva, serve para indicar uma função no conjunto da encenação, não denotando individualidade alguma. Na tradução, procuramos conservar a impessoalidade, como, por exemplo, em "Jaguatirica diz...", em vez de levar a personagem a assumir a sua fala.

Trabalhamos no sentido de encontrar uma unidade rítmico-poética, acentuando algumas rimas (que o texto português inicial nos indicava ou nos oferecia), assim como algumas aliterações, ecos, etc.

O que de início parece ser uma disputa entre Jaguatirica e Jacobim revela-se, aos poucos, uma aproximação. O que separa une, diríamos. O "nosso" texto começa com a separação e caminha (não por meio de ações, mas por mudanças de perspectiva no contemplar o vaso de cerâmica de diversos lados) para a união. O ciúme é o vetor. E então o outro é eu, como no verso de Rimbaud, que escolhemos para selar esta união entre o tradutor e o traduzido. Aliás, não será a tradução, por si mesma, já uma forma de ciúme?

I. Primeiro Canto (Abertura, Noitinha)

(repertório do gato do mato; coreografia: sentados)

1	ó primo-irmão
oo \	ó jaguatirica
ho o o ho (coro de tanataus)	
wo o /	5
ho y wo (coro de jaguatiricas)	ó jaguatirica
	eu sou camaíua, a árvore
2	da água
jaguatirica diz: vou queimar jacobim	onde se talham os mortos
alegra-me flechar o outro	senhor da água eu sou
desejado	ó jaguatirica
outro peixe vou atizar - ela diz:	
vou queimar jacobim	6
	jacubim amarelo
3	filho do pai
meu desejo	filho do mesmo
seu desejo: cera de abelha	carne e sangue
(para a ponta das flechas)	partilhados com jaguatirica
ó jaguatirica amarela	o mesmo outro
	o outro mesmo
4	ó meu afim
o sangue do primo-irmão	
o sangue de jaguatirica	7
ó irmão-cruzado	vamos, jaguatirica
camaíua, a árvore	venha um pouco mais
me assassina	compartilhe você também da na-

tureza
ó jaguatirica
aproxime-se de nós mesmos natu-
rais

8
(conforme 1)

9
ho o o ho ho ho ho ho o (1º.
tanatau)
o o o o o o o o o o (2º. tanatau)
wo o hoy wo wo o hoy wo (coro
de jaguatiricas)
hù hù hù hù hù hù hù hù (jaguar)
10
kù.....(1º. tentenzinho)
kù.....(2º. tentenzinho)
hoy wo (coro de jaguatiricas)

II. Sétimo Canto (Tarde)

A. (repertório do gato do mato;
coreografia: dança em procissão)

1
(conforme 1 do Primeiro Canto)

2
sobre o socó e o maribondo
tenho só a contar
este conto
que o meu irmão júnior, o
maribondo
dardejou o molengo
na presença dos campeões

3
este é o senhor do arco
do acerto no pé
mestre da madeira
o júnior
irmão júnior, seu arco não falha
é generoso
na sua direção, na minha
as flechas que acertam
seu arco é generoso
ó júnior
pois não falha
júnior é certo

atizando as flechas
é generoso
na minha direção, na sua
as flechas que acertam

4
banhe-se, gaivota
e você também, ó rei congo
vocês ficaram secos
iguais ao guandu

5
coragem, matador
coragem, você

6
coragem, você, Awetí
vaga-lume amarelo
mão direita no ataque
jaguatirica
você, vaga-lume amarelo

7
(conforme 1)

B. (repertório do gato do mato; co-
reografia: dançando em bloco)

1
(conforme 1)

2
eu-gaivota disse ao outro
a mim mesmo gaivota-eu disse:
ó gaivota, ó jaguatirica
ó senhor do nosso pejo
da vergonha de nós-outros
senhor das fezes
patrão excremental

3
eu é você, revolta
gaivota: você é eu
você, gaivota-jaguatirica
me queima
ela, a jaguatirica, encerra
o divino-natural
você, gaivota, reveste
o tornozelo de nós-mesmos
ela, a jaguatirica, é o prazer
a comida do divino-natural

4
jaguaririca-gaivota nós somos
você é inajá-palmeira
eu, maribondo

5
jaguaririca nós somos
se despertamos do medo
a jaguaririca amarela rejeita
o desejo dela
você deseja o que rejeita
- a jaguaririca amarela

6
eu flecho aqueles
da aldeinha
aqueles da aldeia
da gaivotinha
você eu queimo
ó pai da jaguaririca

7
com a mão exata
despertar
com a mão que acerta
você e eu, jaguaririca
despertar
para a flecha
para o dardo
na mira do medo
a flecha que acerta
em nós-outros
ó jaguaririca
sua linhagem é a nossa
nosso é o sangue
a nossa mão na flecha
ó jaguaririca
é boa, é sempre certa

8
despertar do medo
eu e você
e então flechar
onde você está
ó irmão júnior
madeira minha
jaguaririca, jaguaririca?
O outro, aquele cuja mãe

é de madeira
onde está?
onde está o meu júnior
o senhor do maribondo?
o meu júnior, ei-lo aqui
cara de peixe-kari
onde estará o meu pequeno
a madeira de nós-mesmos?

9
peixe-mandi, você
peixe amarelo
jaguaririca pequena, você
filho do medo
o adulto-jovem vaga-lume
de você, ele descende

10
você é o nojo
que o pássaro tem da flecha
do pau-de-ponta
você matador
pássaro-você

11
palmeira-iwaya'i
a tua prima, a irmã-cruzada
ela, tua namorada
segreda-nos
que a flecha
te tocou nos testículos

12
sou o senhor da jaguaririca
meu reino depois será
do meu júnior
o da mão certa
o da flecha na mira

13
ele é peixe-mandi, ó jaguaririca
júnior, você
é a mão sem luva do Yawari
é o senhor da macaúba

14
eu é ele
mandi amarelo
você é o senhor do pão
campeão do prazer

15
Tradução indisponível por igno-
rância do autor.

16
jaguaratirica, jaguaratirica

17
jaguaratiricas, vocês flecharam
o meu júnior
vingaram-se no meu pequeno
você não é o senhor da vingança
o que acerta na mira
você não é o esplêndido

18
jaguaratirica-matador
a nossa festa louva
a arte da dor
do ciúme

19
jaguaratiricas
cas longas, extensas
que se desdobram da jaguaratirica
eu e você somos
ó pai da jaguaratirica

20

(conforme 1)

C. (repertório do gato do mato; coreografia: dançando em linha)

1
(conforme 1)

2
você, jaguaratirica amarela
é o outro mesmo
senhor de nós-mesmos
eu sou o senhor
deste que à minha frente
sob a minha lente, ó jaguaratirica
eu ad-
miro

3
(conforme 1)

Comentários

I. Primeiro Canto (abertura, noitinha)
(repertório do gato do mato; coreografia: sentados)

1 Esta vinheta, manchete geral do “Yawari”, apresenta de chofre um dos nexos centrais do rito: a oposição entre o mundo celeste – emblematizado pelo gavião tanatau (voz: “o, ho”) – e o terrestre-florestal, representado pela jaguaratirica (“hoy, wo”). Esta oposição aponta para uma interdependência crucial: aquela vigente entre as relações entre homens e deuses (aves) – contrato cósmico – e homens e outros homens, vistos estes como animais silvestres –

contrato social. Ambas as relações flutuam entre o cruzamento e a afinidade: o casamento primordial, entre as filhas do demiurgo “Mawutsini” e o jaguar, é uma tentativa de apagar as suas irrecíprocas relações anteriores (roubo/assassinato), o que porém não se consegue pois o herói engana a onça, fornecendo-lhe esposas de pau que, por sua vez, hominizadas, serão assassinadas e maltratadas pelos afins felinos. Por outro lado, o morto, ao se casar com os urubus psiquéfagos – a troca da sustentação dos céus –, constituirá uma escatologia excremental para o homem, insuportável ao gosto Kamayurá. Tanto a jaguatirica quanto o tanatau são “empregados” de seres poderosos de seus respectivos reinos: respectivamente, o jaguar e os urubus divinos que sustentam os céus. Toda esta emblemática remete para o campo político-etário, ambos os animais evocando a classe dos adultos-maduros, homens de prestígio e em busca de poder.

2 A jaguatirica e o jacubim se queimam e flecham mutuamente. O jacubim é a comida por excelência da época do “Yawari”, devendo ser ingerido em forma de churrasco e com muita pimenta. Recordo que ‘queimar’ é uma metáfora, em Kamayurá, para o ‘páthos’ do ciúme, aqui sempre visto na mutualidade da sua produção e consumo e sob uma dialética em que o medo e o desejo da perda são como que os dois lados duma mesma moeda. No sistema de relações Kamayurá – de três partes, como já referi –, os homens primos cruzados disputam/rejeitam as mesmas mulheres, equidistantemente também as suas primas cruzadas. Também o ciúme Kamayurá parece ser triangular.

3 Uma oposição que, na realidade, é apenas um dos lados de um triângulo: primos cruzados que disputam/rejeitam as mesmas mulheres, a jaguatirica e a jaguatirica amarela se enciumam e desejam entre si. No “Yawari”, a cera de abelha recobre a ponta dos dardos usados no duelo, aparecendo nesta canção simultaneamente como objeto de medo e de desejo (“Menino, você está querendo apanhar?”).

4 Aqui se propõe a equação básica do sistema de parentesco-matrimônio Kamayurá: o cruzamento – a irreciprocidade – é o abismo que se tenta cancelar através do casamento (afinidade) ou da consaguinização. A terminologia deste sistema, no registro vocativo, rigorosamente proíbe a expressão do cruzamento (licenciosidade e pornografia), tornando-o consaguinidade. Camaíua é um tipo de árvore de cujas madeiras os Kamayurá se servem para a construção de casas.

5 O “Yawari” aqui considera outro ritual xinguano, o do “Kwarùp” (veja Agostinho, 1974a). Neste, dramatiza-se os primórdios da hominização, mostrando-se como os homens se originam de madeira (camíua [não confundir com camaíua]), madeira primordial esta que “Mawutsini” (‘aquele que chocalha para o pau’) encanta, transformando em esposas para onça. É deste casamento que nascem os ancestrais dos homens, Sol e Lua. No “Kwarùp”, as efígies dos homens comemorados vão, no final festa, para a fertilização-continuidade das águas. No “Yawari”, em contraposição, elas são queimadas (“enciumadas”), sofrendo um processo de metamorfose radical na direção de uma escatologia do nada (cinzas/duplo//fezes/alma).

6 Repisa-se a temática da canção 4 sob uma acústica profunda: os cruzados – os distantes por excelência – partilham a mesma ancestralidade.

7 Exortação aos cruzados para que abandonem o mundo da hominidade – dos contratos e dos negócios social e cósmico. O herói “Mütüakang” (‘Cabeça de Mutum’), o grande enciumador, convida o magno enciumado para o retorno ao cosmo primordial, espaço-tempo cuja natureza é divina e imortal, sem desejo –motor da queda hominizante – e não produz fezes.

8 (conforme 1)

9 Esta vinheta é polifônica. O seu primeiro segmento apresenta a alternância entre dois tanataus. Depois, ela registra a oposição entre as jaguatiricas e o poderoso jaguar (voz: “hù”). Se a vinheta 1 pode ser vista como a manchete geral do “Yawari”, 9 como que lhe é uma nota de pé de página, evidenciando a contenção de que o mundo dos adultos-maduros comuns não existiria sem o universo luminoso dos poderosos.

10 Os gaviões tentenzinhos (voz: “kù”) representam os reclusos pubertários, o ‘locus’ por excelência, dentro da audição Kamayurá do mundo, do poder e do saber certos, pois sócio-politicamente estéreis (a verdade é o deserto onde erra o sábio). O primeiro segmento da vinheta alterna dois tentezinhos. Ela se fecha com o característico câro das jaguatiricas, que rerepresenta o poder sócio-politicamente eficaz. No Segundo Canto do “Yawari”, a temática da demolição deste último tipo de poder pelo poder estéril dos reclusos (aqueles que vêm mas não são vistos) é central. Esta manchete do “Yawari” é adversativa daquelas constituídas pelas vinhetas 1 (reiterada em 8) e 9.

Pequena Nota sobre a Música

Do ponto de vista das escalas e dos motivos, o presente Canto constrói dois mundos opostos mas mediantes: os dos blocos das canções 2-5 e 6-7. Isto codifica o plano dos significados, constituído em termos dos valores do Mal e do Bem: respectivamente, rivalidade com relação aos mesmos objetos de desejo (2-5) e partilha da naturalização, com recusa do negócio sexual, como retorno ao renunciado ócio amoroso(6-7) [veja Menezes Bastos, 1990].

II. Sétimo Canto (tarde)

A. (repertório do gato do mato; coreografia: dançando em procissão)

1 (conforme 1 do Primeiro Canto)

2 Trata-se do enfrentamento humilhanamente vitorioso do júnior do sênior oculto na letra com os campeões de outros grupos fraternos. O júnior é representado pelo maribondo, um inseto ágil e certo, os campeões, pelo socó, um pênalti desajeitado. O sênior narra, orgulhoso, as artes do seu menor, que de tão magníficas transformam os mais eminentes campeões em socós moles das pernas. No sistema etário Kamayurá, a senioridade fraterna constitui o pólo de concentração de poder; por seu turno, a junioridade localiza o de conservação do saber. Parece ser válida aqui a equação do poder com a estupidez, do saber com a ineficácia sócio-política, aceno por contrariedade ao rei-filósofo platônico.

3 Elogio ilimitado à habilidade do júnior, lida como generosidade. O pé, especialmente o tornozelo – quase o calcanhar homérico – constitui o ponto de concentração do poder masculino. Ter o tornozelo atingido, no “Yawari”, equivale à suprema humilhação.

4 O discurso irrisível e humilhante se escancara: o adversário do júnior magnífico – emblematizados ambos pela gaivota (adultos-jovens) – durante o combate se torna um seco guandu (um tipo de feijão), pronto para ser devorado. Ao que parece, o rei-congo comparece na letra como um equivalente da gaivota.

5 Exortação à coragem do júnior, matador.

6 Idem, o júnior agora sendo representado pelo vaga-lume e identificado como pertencente à tribo Awetí. Na mitologia, antes do nascimento de Sol e Lua e do seu eterno exílio nos céus, o mundo era iluminado somente por insetos alucinados como o vaga-lume e o cupim.

7 (conforme 1)

B. (repertório do gato do mato; coreografia: dançando em bloco)

1 (conforme 1)

2 Igualização do outro com o mesmo – seja gaivota ou jaguatirica, mas também o seu equacionamento abissal com a vergonha e as fezes, sinais da morte. O “Yawari” acena a Sartre, apesar da “Crítica”.

3 A canção faz resplandecer o jogo triangular no singular, biangular no plural, característico da língua Kamayurá. Nesta, a estrutura pronominal estabelece três tipos de pessoas. No singular, ‘eu’, ‘você’ (aquele com quem se fala) e ‘ele’ (sobre quem se fala). No plural, porém, em sua primeira pessoa, esta é binarizada – ‘nós mesmos’ (‘eu’ e ‘você’) e ‘nós outros’ (‘eu’ e ‘ele’). Na canção, os adversários, apesar de tanto desejo de morte e de dor, são juntados num só invólucro – os humanos, pobres deles!, não passam do objeto do prazer (oral-anal) dos deuses. Agora, o “Yawari” recorda Deleuze e Guattari.

4 A adversidade entre os “outros” é retomada, o júnior sendo mais uma vez o maribondo, mas também o espinho da palmeira inajá. Em Kamayurá, há uma homonímia abrangente entre os felinos e as palmeiras espinhentas, tudo começando com o próprio termo “yawari” que, conforme já registrei, é tanto a jaguatirica quanto o tucum (o espinho deste). Na letra desta canção (versos 9-11) a presença certa de alguma outra língua (ou dialeto) Tupi (Aruak?) que não a Kamayurá (Apùap).

5 Exortação de nós mesmos à vigília, estado por excelência do sábio, com o equacionamento do sono (pois sonho) com o medo e a morte (a morte é sonho). Isto posto, a letra estabelece a equivalência do desejo com o medo – amor e ódio numa só caixa.

6 Nova disjunção dos mesmos.

7 Desenvolvimento de 5.

8 O júnior, dono do maribondo, tem o semblante do peixe cari, campeão nas artes marciais.

9 Ele agora é o mandi amarelo, afiado no corte e vigilante como vaga-lume.

10 Nova disjunção entre os mesmos, promovida pelo nojo (vergonha, medo, fezes, morte) do dardo. Eu e você são pássaros.

11 Sob a geometria triangular do ciúme-inveja, o objeto do desejo (a namorada, filha da tia paterna) é também a testemunha do opróbio mais humilhante: o atingimento por/nos testículos.

12 O júnior, campeão – assim como todos os outros campeões –, é o dono da jaguatirica.

13 Volta o júnior como mandi, jaguatirica. A sua mão direita é certa. Ele é o dono da macaúba (palmeira da madeira da qual se fazem flechas).

14 De novo o mandi, dono do prazer (comida, fezes futuras).

15 (tradução indisponível)

16 Louvor à jaguatirica.

17 Trata-se da ira do sênior ante a vingança do outro no júnior, feita sem a ética e a estética magníficas.

18 O melhor livro que se pode escrever sobre o "Yawari" está dentro dele mesmo: "a festa de nós mesmos é acerca da causação do ciúme". É o que se diz ao matador.

19 Os outros partilham a mesma ancestralidade

20 (conforme 1)

C. (repertório do gato do mato; coreografia: dançando em linha).

1 (conforme 1)

2 No planeta Kamayurá, ser visto é criptonita; ver, pedra filosofal.

3 (conforme 1)

Pequena nota sobre a Música

O presente Canto contém três grandes subdivisões, dadas pela coreografia: segmentos em procissão (P), bloco (B) e linha (L). Do ponto de vista das escalas, ele encontra na complementaridade diatonismo/cromatismo o seu divisor de águas mais forte. Cruzando-se os dois critérios (coreografia, escalas), o universo da Tarde pode ser assim compreendido: em P, as canções 2, 4 e 6 constituem um campo complementar àquele construído pelas canções 3 e 5. Esta complementaridade aponta para aquela vigente no âmbito semântico-axiológico entre os valores: vigília na direção da bela morte (2,4,6)/coragem idem (3,5). Em B, há três grandes regiões escalares: D, E e F, constituídas, respectivamente, pelos seguintes conjuntos de canções: (5, 12-19), (6-11) e (2-3) [a canção 4 pode ser compreendida como pertinente às regiões E e F]. Estas regiões codificam os seguintes valores: ciúme como negação da alegria original/desejo-medo como ridículo, negativo da austeridade idem/morte como vergonha (fezes), negativo da invulnerabilidade idem. Finalmente L, com a única canção 2 (cromatismo): visibilidade como vulnerabilidade.

Cambridge, fevereiro 1994

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Pedro. 1970. "Estudo preliminar sobre o mito de origem xinguano. Comentário a uma variante Aweti". *Universitas*, 6/7: 457-519.
- _____. 1974. *Kwarîup. Mito e ritual no Alto-Xingu*. São Paulo: EdUSP.
- _____. 1974b. *Mitos e outras narrativas Kamayurá*. Salvador: UFBA.
- GALVÃO, Eduardo. 1979a. "O uso do propulsor entre as tribos do Alto-Xingu". In: *Encontro de Sociedades*. RJ: Paz e Terra. pp. 39-56.
- HARRISON, Carl. s/d. *Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos nas línguas indígenas brasileiras (Kamayurá-Apûap)*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Summer Institute of Linguistics.
- _____. 1977. "A forma lingüística de uma teoria folclórica dos Kamayurá". *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, 2 (2): 81-98.
- _____. Textos Kamayurá (fotocópias com distribuição restrita).
- _____. 1990. Anotações manuscritas feitas numa versão preliminar de Menezes Bastos.
- MENGET, Patrick. 1977. Aun nom des autres: classifications des relations sociales chez les Txicao du Haut-Xingu. Tese de doutorado, Université de Paris X.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. 1978. *A musicológica Kamaurá: para uma antropologia da comunicação no Alto-Xingu*. Brasília: Funai.
- _____. 1990. A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa. Tese, USP.
- MONOD-BECQUELIN, Aurore. 1975. *Le pratique linguistique des indiens Trumáf*. Paris: SELAF (2 volumes).
- _____. 1990. Carta sobre uma versão preliminar de Menezes Bastos.
- SAELTZER, M. 1974. *A tentative phonemic analysis of Kamayurá*. Datilografado.
- _____. 1976. "Fonologia provisória da língua Kamayurá". *Série Lingüística*, 5:131-170.
- SAELTZER, M. e C. Clapper. s/d. *Formulário dos vocabulários padrão para estudos comparativos nas línguas indígenas brasileiras. Língua Kamayurá, família Tupi, Parque Nacional do Xingu*. Museu Nacional/Summer Institute of Linguistics.
- SEKI, L. 1983. "Observações sobre variação sociolingüística em Kamayurá". *Cader-nos de Estudos Lingüísticos*, 4: 73-87.
- SILVA, Márcio. 1981. A fonologia segmental Kamayurá. Dissertação, Unicamp.
- _____. s/d. "Vocabulário da língua Kamayurá" (fichário).
- VILLAS-BÔAS, Cláudio e Orlando. 1970. *Xingu – os Índios, seus mitos*. São Paulo: Edibolso.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1986. *Araweté: uma visão da cosmologia e da pessoa Tupi-Guarani*. Rio de Janeiro: Zahar.

Notas

¹ Advertências e agradecimentos: No presente texto, Hermenegildo é o autor da "Nota prévia: E tudo o mais é literatura" (pp. 39-40) e da tradução livre das letras das canções (40-46), feita a partir da tradução básica. O restante é de autoria de Rafael.

Por questões de espaço, a música aqui é abordada de maneira rápida. O leitor interessado na temática deve consultar Menezes Bastos (1978 e 1990).

As canções ora publicadas constituem propriedade intelectual dos índios Kamayurá do Alto-Xingu. Eles têm interesse na sua difusão cultural e educacional que não vise lucro, e direitos aos respectivos *copyrights* nos casos que fujam a este expresso mandamento.

Este trabalho foi revisto entre 1993-94, quando eu era "Visiting Scholar" no Programa de Antropologia do Massachusetts Institute of Technology. Agradeço à Profa. Jean Jackson, chefe do Programa, ao Prof. James Howe, membro do mesmo, a Priscila Cobb, coordenadora administrativa, e a Kathleen Spinale, secretária, pela ajuda durante esse período. No Brasil, sou grato à CAPES, pela bolsa de pós-doutorado (Proc. 2403/92-7).

Agradecimentos

Aos professores Ilka B. Leite, Miriam P. Grossi, Jean Langdon, Dennis Werner, Silvio Coelho dos Santos, Elsje M. Lagrou e Alberto Groisman, colegas da então Área de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, devo gentilezas impagáveis durante todo o tempo de meu afastamento para pós-doutorado (1992-94). Os Profs. Anthony Seeger, Gerard Béhague, Dieter Christensen, Roberto Da Matta, Terence Turner, Steven Feld, John Shepherd, David Maybury-Lewis, Gregory Urban, Michael Herzfeld e Marina Roseman foram extremamente atenciosos durante minha passagem pela América do Norte. Darlinda Moreira, Agenor Farias, Giselle Ferreira, Ralph Waddey e José Pedro Fonseca ajudaram-me, com amizade e carinho, na introdução à vida no estrangeiro. Uma versão anterior deste texto foi publicada na série *Antropologia em Primeira Mão* n.2, 1995 do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.